

UNIVERSIDADE SANTO AMARO - UNISA
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

Fábio Pires Minei

RÁDIO REPORTAGEM
“MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO:
HISTÓRIAS E DESAFIOS”

São Paulo

2017

Fábio Pires Minei

RÁDIO REPORTAGEM
“MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO:
HISTÓRIAS E DESAFIOS”

Projeto de Pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Santo Amaro – UNISA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Ms. Flávia Daniela Pereira Delgado.

São Paulo

2017

PIRES MINEI, FÁBIO

Mulheres no Jornalismo Esportivo: Histórias e Desafios / FÁBIO

PIRES MINEI. - São Paulo, 2017

33 f.

TCC Graduação (Jornalismo) - Universidade de Santo Amaro, 2017

Orientador(a): Flávia Daniela Pereira Delgado,

Coorientador(a): Eiko Enoki

1.Mulher. 2.Jornalismo Esportivo. 3.Esporte. 4.Jornalista Esportiva.
5.Gênero. I.Delgado, Flávia Daniela Pereira, orient. II.Enoki, Eiko,
coorient. III.Universidade de Santo Amaro IV.Titulo

**Ficha catalográfica gerada automaticamente pelo
Sistema de Bibliotecas da Universidade de Santo Amaro - UNISA**

ANEXO 12

JORNALISMO

Ata de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo, 4 de dezembro de 2017.

A apresentação e defesa de Trabalho de Conclusão de Curso do discente Fábio Pires Minei, realizou-se no dia 4 de dezembro de 2017, com o título “Mulheres no Jornalismo Esportivo: Histórias e Desafios”.

Participaram da Banca Examinadora os seguintes componentes:

Nome	Assinatura	Nota
1ºExaminador Jairo Giovenardi	_____	
2ºExaminador Eiko Enoki	_____	
Professor-orientador Flávia Daniela Pereira Delgado	_____	
Média final	_____	

Parecer da banca sobre o trabalho (*um breve comentário sobre a parte escrita e apresentação oral, ou qualquer outro comentário que a banca queira registrar*).

RESUMO

O projeto trata da inserção das mulheres no jornalismo esportivo brasileiro ao longo da história, desde as pioneiras na cobertura esportiva na década de 1930 passando pelo crescimento gradativo da presença feminina nos veículos de comunicação em todas as mídias: Rádio, TV, Impresso e Internet até os dias de hoje. Temas como assédio, preconceito, empoderamento feminino e igualdade de direito são abordados neste estudo, que teve como base entrevistas abertas estruturadas e pesquisas bibliográficas sobre a inserção feminina no mercado de trabalho no Brasil e em especial neste segmento. Há inúmeros desafios a serem ultrapassados, como o aumento das oportunidades em cargos de chefia, conciliar atividades profissionais com a função materna e familiar feminina. As jornalistas dos novos tempos parece não acuar diante dessas dificuldades e estão cada vez mais conquistando seus espaços.

Palavras-Chave: Mulher. Jornalismo Esportivo. Esporte. Jornalista Esportiva. Gênero

Dedico este trabalho a minha avó,
Ana de Jesus Pires, que sempre me incentivou
e sonhou com a minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Janete Pires e Oswaldo da Costa, que sempre me incentivaram para o término da minha faculdade.

A minha irmã Maria Cecília Pires da Costa Toniolo e meu cunhado Marcelo Toniolo, pelo apoio.

As minhas tias Neuza Pires Jurado Arcas e Nadir Pires Campos, além do meu tio Ilton Marcos Campos e meus primos Rodrigo Pires Jurado Arcas e Graziella Pires Jurado Arcas por sempre estarem comigo me apoiando.

Aos meus amigos e companheiros da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e da Companhia do Metropolitano de São Paulo - Metrô

A profa. Ms. Flávia Delgado pela atenção, pelo suporte e incentivo durante essa jornada acadêmica.

A UNISA onde tive a oportunidade de concluir meu tão sonhado curso.

A minha amiga Graziela Siqueira que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida, principalmente nesses últimos anos de faculdade.

Aos entrevistados do meu projeto experimental e aos convidados da minha banca, Jairo Giovenardi e Eiko Enoki.

Vai Corinthians !!!!!!!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Mulheres e o mercado de trabalho	10
1.2 Jornalismo esportivo no Brasil.....	13
1.3 Mulheres no jornalismo brasileiro: pioneirismo nos séculos XIX e XX.....	18
1.4 Profissão: mulher, jornalista esportiva.....	20
1.5 Reportagem de rádio.....	24
1.6 Newsmaking.....	25
2 DESENVOLVIMENTO	26
3 CRONOGRAMA / DESCRIÇÃO ATIVIDADES PROGRAMADAS	28
4 CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS	33

1 INTRODUÇÃO

Vivemos dias em que conceitos como “empoderamento feminino”, “preconceito”, “assédio”, “igualdade de direito” permanecem na pauta de discussões da sociedade, sobretudo fomentados pelos debates nas redes sociais. Tanto a mulher quanto as relações de gêneros estão em alta em estudos acadêmicos das diversas áreas, constituindo um saber interdisciplinar. Há inúmeros estudos, tanto de autores que privilegiam a questão das relações quanto de sociólogos que, preocupados com outros temas ligados às relações de trabalho, não podem se furtar de considerar a presença da mulher (CORAZZA, 2000, p.14).

As mulheres hoje representam 51,48% da população brasileira, segundo o último censo do IBGE¹ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e atualmente totalizam 42,66% da população economicamente ativa do país, segundo dados de 2015. Mas a média salarial² das mulheres no Brasil fica abaixo dos homens: elas ganham a ganhar 22,5% a menos. Uma realidade aplicável à boa parte do mercado, inclusive no jornalismo.

Já há algum tempo nos cursos de jornalismo em todo o país, parece predominar a presença feminina, o que se percebe por meio de uma pesquisa da FENAJ³ (Federação Nacional dos Jornalistas) em parceria com a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), realizada entre setembro e novembro de 2012. O material aponta que as mulheres são maioria entre a categoria no país (64% contra 36% de homens). No entanto, no jornalismo esportivo, as mulheres são minoria.

Esse paradoxo inquietou-nos e nos impeliu a buscar e conhecer a trajetória das mulheres neste segmento e quem são hoje as jornalistas que trabalham com esportes, suas histórias e principais desafios.

Pretendeu-se recuperar a trajetória histórica dessas profissionais nas diversas mídias, buscando compreender a participação delas neste segmento, tentando

¹ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/261#resultado>

² Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5429#resultado>

³ Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/pesquisa-perfil-jornalista-brasileiro.pdf>

traçar um raio X sobre os espaços atualmente ocupados pelo gênero neste segmento.

A partir de pesquisas bibliográficas sobre a história da inserção feminina no mercado de trabalho no Brasil e, em especial neste segmento, a ideia foi produzir uma série de três reportagens de rádio que abordassem os principais temas inerentes a esta atividade profissional e ao gênero feminino, pois sabemos que tradicionalmente o jornalismo esportivo parece ter sido durante muito tempo dominado por jornalistas do sexo masculino.

1.1 Mulheres e o mercado de trabalho

A história mostra que a inserção feminina no mundo do trabalho sempre foi marcada pelo signo da opressão que acompanhou as conquistas do gênero. No livro *O que é Feminismo*, as autoras Branca Moreira Alves e Jaqueline Pitanguy procuram resgatar a história da inserção da mulher no mercado de trabalho e remontam à Antiguidade, quando na Grécia a mulher ocupava posição equivalente a do escravo, no sentido de que tão somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre.

O trabalho feminino sempre recebeu remuneração inferior ao do homem. Esta desvalorização, por outro lado, provocou a hostilidade dos trabalhadores homens contra o trabalho da mulher, pois a competição rebaixava o nível salarial geral. Sendo assim em determinados períodos, surgiram restrições à participação da mulher no mercado de trabalho, como em Londres, no ano de 1344, quando a corporação de alfaiates proibiu seus membros de empregarem mulheres que não fossem suas esposas ou filhas (ALVES & PITANGUY, 1985, p.18).

Simone de Beauvoir (2000), em seu livro *O Segundo Sexo* lembra que a evolução da condição feminina não prosseguiu de maneira contínua. Na Idade Média a mulher permanecerá quase mil anos sob dependência absoluta do pai ou do marido, sendo sempre necessária a tutela masculina. À mulher da alta classe é reservado o papel de ser “acessória” da propriedade feudal. Já as de baixa classe, desempenham papéis braçais, mas sempre subordinadas ao homem.

A partir do Renascimento, determinadas atividades vão gradativamente tornando-se do domínio masculino. É justamente neste período, quando o trabalho se valoriza como instrumento de transformação do mundo pelo homem, e que o trabalho da mulher passa a ser depreciado, além de uma desvalorização da mulher que trabalha. (ALVES & PITANGUY, 1985).

A partir da Revolução Industrial, algumas operárias da seda trabalhavam das três horas da manhã até a noite no verão, e no inverno, das cinco horas até às onze da noite, ou seja, dezessete horas por dia, em locais úmidos, nos quais nem penetravam raios de sol. As mulheres eram exploradas mais vergonhosamente ainda do que os homens. Metade delas tornaram-se tuberculosas antes de terminar seu aprendizado, também havia abusos contra as mulheres por parte dos empregados. (BEAUVOIR, 2000, p.149).

Em 8 de março de 1857 as operárias da indústria têxtil de Nova Iorque empreenderam uma marcha pela cidade, protestando contra seus baixos salários e reivindicando uma jornada de trabalho de 12 horas, foram violentamente reprimidas pela polícia, muitas foram presas e ficaram feridas. (ALVES & PITANGUY, 1985).

Michelle Perrot aborda em seu livro *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros* que a dona-de-casa herda suas funções e sua posição no século XIX, com a acentuação da divisão do trabalho e na separação dos locais de produção e consumo. O homem na fábrica, a mulher em casa, ocupando-se do doméstico. (PERROT, 1988, p.190).

Na França no século XIX, foi realizado um inquérito, ou seja, uma pesquisa para saber quanto ganha uma mulher em relação a um homem. Para um dia de trabalho igual ao de um homem, a operária obtinha metade da remuneração masculina. No início do século XX, na América do Norte, as mulheres recebiam apenas metade do salário masculino. Nesse período na Alemanha, as mulheres que trabalhavam em minas ganhavam 25% a menos do que os homens. Importante lembrar que a primeira carta de trabalho feminino data de 2 de novembro de 1892, proibindo o trabalho noturno e limitando o horário de trabalho em fábricas. Entre 1911 e 1943, o salário feminino teve pouca elevação em comparação com o do homem, mas permaneceram nitidamente inferiores. (BEAUVOUIR, 2000, p.151).

Em se tratando da presença da mulher no mercado de trabalho no Brasil, de maneira geral, a socióloga e antropóloga Ana Cláudia Gomes Fernandes lembra⁴ que é importante ressaltar que a partir da década de 1950 as primeiras mulheres entraram oficialmente no mercado. E três áreas principais concentravam a mão de obra feminina:

Em geral ou elas eram professoras primárias ou secretárias. Sendo professoras primárias, elas tinham a referência do cuidar, sendo secretária elas tinham uma visão mais próxima do que a gente entende por espaço de trabalho de mercado de profissão e aí temos a exaltação da profissão das enfermeiras, então essas três áreas foram historicamente reservadas para o trabalho feminino. Considerando o trabalho informal, citamos ainda as quitadeiras, escravas que tiveram como inserção profissional a venda de doces principalmente em mercados de construção civil. Enquanto a cidade estava sendo reerguida após a abolição da escravatura, nós temos

⁴ Em entrevista concedida em 30.05.17

as primeiras mulheres trabalhando na informalidade. Então, quando a gente discute a inserção da mulher no mercado de trabalho, a gente faz menção a um roteiro de lutas, uma disputa por igualdade de direitos e condições de trabalho. (FERNANDES, 2017).

Em entrevista ao portal G1⁵, Kátia Garcia (2017), Gerente de Atendimento ao Candidato da Catho afirma que: “A igualdade salarial entre homens e mulheres ainda deve levar um tempo para acontecer. Temos visto melhorias e crescimento da ocupação da mulher no mercado de um modo geral, mas ainda vai levar um tempo para que as condições fiquem efetivamente iguais”.

Segundo ela, a mulher ainda perde espaço porque algumas empresas acreditam que ela terá menos disponibilidade para o trabalho por causa da família e casa, também a herança cultural machista e a entrada tardia das mulheres no mercado de trabalho, que passaram a buscar condições igualitárias a partir das décadas de 1960 e 1970, estão entre os fatores que contribuíram para a desigualdade salarial.

⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-do-que-os-homens-em-todos-os-cargos-diz-pesquisa.ghtml>

1.2 Jornalismo esportivo no Brasil

Segundo Ribeiro (2007), o jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856, com o jornal *O Atleta*, que veiculava informações para o aprimoramento físico dos moradores do Rio de Janeiro. Já em 1885, circularam *O Sport* e *O Sportsman*. Em 1891 surgiu em São Paulo *A Platea Sportiva*, um suplemento de *A Platea*, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, em São Paulo, surgiram a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva*, periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Naquela época nenhuma das publicações o futebol tinha prioridade, apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo, os esportes sobre os quais havia maior interesse da população.

Para Coelho (2017), *Fanfulla* foi um dos primeiros jornais que se dedicava ao esporte e foi lançado em 1910 na cidade de São Paulo. Era um periódico diferente dos outros por não ser voltado às elites e nem ser opinativo. Tinha um público-alvo bastante numeroso na capital paulista: os italianos. *Fanfulla* foi influente na criação de um time de futebol, o Palestra Itália - que mais tarde se tornaria o Palmeiras. O jornal trazia relatos de página inteira em um período que o futebol ainda não seduzia as multidões.

No início do século XX, o futebol já era um esporte bem difundido e logo chegaria ao profissionalismo. Nessa época, o Rio de Janeiro, segundo Coelho (2017) era a cidade que mais tinha jornais que dedicavam espaço para o futebol. No entanto, em 1931, foi lançado o *Jornal dos Sports*, o primeiro jornal exclusivamente voltado aos esportes.

Dois jornalistas também foram de suma importância para a crônica no jornalismo esportivo: Mário Filho e Nelson Rodrigues.

Nelson Rodrigues⁶ entrou no jornal *O Globo*, pela primeira vez, em 1931, com os irmãos Mário Filho, que se tornou editor de Esportes e Joffre Rodrigues. Nelson saiu do jornal em 1945, mas voltou à redação em 1962, onde escrevia colunas e crônicas de análise da sociedade, as célebres “Confissões de Nelson Rodrigues”, ele nunca escondeu sua paixão pelo Fluminense, seu irmão Mário Filho foi quem o convenceu de trocar reportagem policial pela seção de esportes.

⁶ Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/esportes/neacutelson-rodrigues-9075809>

Segundo o site da Fundação Cásper Líbero⁷, o jornal A Gazeta Esportiva começou a circular em 24 de dezembro 1928, mas como um suplemento do jornal A Gazeta, só se tornando um diário esportivo em 1947. Encerrou suas atividades em 19 de novembro de 2001, tendo se transformado em site, até os dias atuais.

Para Coelho (2017) o Brasil só teria uma revista esportiva com vida regular nos anos 1970.

Placar⁸ é considerada a pioneira e principal revista esportiva do Brasil, inicialmente cobrindo diversas modalidades e em suas edições mais recentes voltadas ao futebol. Foi lançada oficialmente no dia 20 de março de 1970, durante a preparação da seleção brasileira para a Copa do México, ainda com João Saldanha como treinador. A primeira edição também trouxe uma novidade à época, o lançamento da Loteria Esportiva, em uma época em que os cartões deveriam ser perfurados manualmente por aqueles que faziam suas apostas.

Em 1990, a revista deixou de ser semanal e passou a contar com publicações mensais e viveu momentos menos brilhantes, mas algumas edições temáticas de sucesso garantiram à revista a continuidade lucrativa, como uma especial com o "Cinquentenário de Pelé".

No dia 26 de outubro de 1997, chegava às bancas o diário Lance! criado pelo empresário Walter de Mattos Jr. Depois de dois anos no mercado, o Lance! se tornou a publicação esportiva mais vendida do país. Com dez anos de criação, o Lance! apareceria como o décimo maior diário do Brasil, segundo Stycer (2009, p.89).

O radiojornalismo esportivo brasileiro foi um dos primeiros gêneros a se firmar no rádio e continua ocupando grande tempo nas principais emissoras brasileiras, com programas permanentes de notícias e comentários durante a semana, sendo maior na jornada de jogos, afirma Edileuza Soares em seu livro *A Bola no Ar: o Rádio Esportivo em São Paulo*.

A primeira transmissão de uma partida de futebol coube ao locutor Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista (primeira emissora de São Paulo,

⁷ Disponível em: <http://fcl.com.br/gazeta-esportiva/>

⁸ Disponível em: terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/revista-placar-5809

fundada em 1923), durante o VIII Campeonato Brasileiro de Futebol, em 1931. “O rádio esportivo tem os requisitos para atender essas três demandas: é informativo em se envolver com a política do governo; conquistou o público e, sem consequência, os anunciantes; mantinha, nesses ouvintes, o interesse pelo futebol”. (SOARES, 1994, p.27).

Embora a Rádio Educadora Paulista seja a primeira a transmitir um jogo direto, a Rádio Record, criada em 1928 como Rádio Sociedade Record, consolidou-se como a emissora de maior destaque em São Paulo. Outra rádio de grande projeção é a Rádio Bandeirantes, inaugurada em 1937, como lembra Soares (1994).

Entre os profissionais de destaque, um dos principais nomes do rádio esportivo foi Osmar Santos, fenômeno dos anos 70, considerado o mais bem remunerado locutor esportivo do país, trocou a Jovem Pan pela Rádio Globo, quem foi seu repórter de campo, foi Fausto Silva. (COELHO, 2017).

No final dos anos 1970, as rádios davam show nas transmissões esportivas nas principais capitais do país. Em São Paulo, o que não faltava era opção para informar-se sobre esportes, sem contar com as tradicionais rádios Globo, Jovem Pan, Tupi, Record e Bandeirantes, havia ainda emissoras como Difusora e Capital. A rádio Excelsior, transmitia todos os domingos o segundo jogo mais importante. Nos anos 90, a sintonia da Excelsior passou a ser ocupada pela CBN (Central Brasileira de Notícias), lembra Coelho (2017, p.28).

A Rádio Bradesco Esportes FM⁹, voltada aos esportes como o nome já sugere foi criada em 17 de maio de 2012 na cidade de São Paulo e no dia 26 de setembro do mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro. A rádio, parceira entre o Grupo Bandeirantes de Comunicação, grupo Bel e o Banco Bradesco, encerrou¹⁰ suas atividades em 12 de março de 2017.

Já sobre a história do telejornalismo esportivo, Coelho (2017) cita que no final dos anos 80, a Globo não julgava indispensável transmitir futebol, mas as TV's Record e Bandeirantes já brigavam pela audiência no esporte. A Rede Bandeirantes

⁹ Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2012/05/18/radio-bradesco-esportes-entra-em-campo.html>

¹⁰ Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/03/15/ivan-zimmermann-lamenta-fim-da-radio-bradesco-deixou-muita-gente-triste.htm>

ficou conhecida como o “Canal do Esporte”, por transmitir com exclusividade jogos dos campeonatos brasileiros de 1986 a 1993.

A Rede Globo disponibiliza em sua grade de programas esportivos há mais de 35 anos como o Globo Esporte¹¹ (1978) e o Esporte Espetacular¹² (1973), este último no ar há 44 anos, sendo o mais antigo programa esportivo da TV Globo no ar. Estreou com o objetivo de abrir espaço na televisão para as diversas modalidades esportivas, numa época em que o futebol predominava nos noticiários. Atualmente, com um formato leve e dinâmico, o programa acompanha a história dos atletas, bastidores, melhores momentos e os recordes mundiais conquistados em diferentes competições no Brasil e no exterior.

Em 1992, a Globo criou o SporTV, canal de esportes de TV a cabo. Atualmente sua maior concorrente é a *ESPN Brasil*, criada a partir do acordo entre o Grupo Disney, detentora da marca, e a extinta emissora por assinatura TVA, do Grupo Abril. O canal PSN entrou no ar em fevereiro de 2000, parceria entre Traffic (agência de marketing esportivo do ex-jornalista José Hawilla) e do fundo de investimentos americano Hicks, Muse, Tate & Furst, mas foi um fracasso tendo suas atividades encerradas em janeiro de 2002. (COELHO, 2017).

O Esporte Interativo¹³ é a marca de esportes da *Turner* no Brasil, com programação 100% dedicada a cobertura esportiva e sua distribuição em todas as plataformas. O canal conta com dois canais na TV Paga (EI MAXX e EI MAXX 2), um na TV Aberta (Esporte Interativo) e uma serviço digital que dá acesso ilimitado a todos os conteúdos dos canais Esporte Interativo (Esporte Interativo Plus). Criado em 2007 e adquirido pela Turner em janeiro de 2015, o Esporte Interativo afirma em sua página no *facebook* ser o grupo esportivo de mídia com maior número de seguidores nesta rede social, com 13 milhões de fãs, e dono de um dos maiores portais esportivos do Brasil, o www.esporteinterativo.com.br.

¹¹ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>

¹² Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>

¹³ Disponível em: <http://www.esporteinterativo.com.br/about>

O canal *Fox Sports*¹⁴ do grupo *News Corp* iniciou suas transmissões no Brasil no dia 5 de fevereiro de 2012 como um dos principais canais esportivos do país e com os direitos exclusivos da Taça Libertadores da América.

A emissora também adquiriu os direitos da Copa Sul-Americana, do Campeonato Inglês, de torneios de tênis da *ATP* e das corridas da Nascar e pretende produzir 2.500 horas de programas próprios por ano, segundo explicaram os responsáveis do canal em entrevista coletiva. A *Fox Sports* concorre diretamente com os canais *ESPN* e *SporTV*.

Quando o assunto é internet, é importante lembrar que nos anos 1990, o meio virou “febre” no Brasil, mais precisamente a partir de 1997. O fenômeno da internet tomara conta da Europa e dos Estados Unidos já havia alguns anos. Na mesma época em que surgiu o Lance! foi criado o site do diário www.lancenet.com.br. Muitos profissionais do jornalismo esportivo se transferiram para os principais portais de notícias da época, como o UOL e o IG. (COELHO, 2017).

Celso Unzelte em seu livro *Jornalismo Esportivo, relatos de uma paixão*, conta que muitos jornais impressos, emissoras de rádio e televisão migraram para os seus *sites* na internet, além dos portais especializados em esporte, como o globoesporte.com, UOL Esporte e o Esporte Interativo, este último um canal de TV 100% de esportes lançado em 2007.

¹⁴ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/entretenimento/fox-sports-estreia-no-brasil-com-libertadores/>

1.3 Mulheres no jornalismo brasileiro: pioneirismo nos séculos XIX e XX

Segundo Ramos (2010), a publicação *Espelho Diamantino*, de 1827 é considerada a primeira revista brasileira voltada ao público feminino, embora um homem a dirigisse, Pierre Blancher. Era uma revista de variedades e cultura.

Nísia Floresta Brasileira Augusta deve ser considerada a primeira mulher jornalista do país. Nascida no Rio Grande do Norte em 1810 e falecida na França em 1885 era colaboradora da revista *Espelho das Bandeiras* desde 1831, na qual escrevia sob o pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto. Foi a precursora da emancipação feminina no Brasil ao escrever sobre escravidão, problemas dos índios, preconceitos e direitos da mulher. (RAMOS, 2010).

A autora relembra interessantes marcos da relação entre mulheres brasileiras e o jornalismo no século XIX. Em 1833, Maria Josefa Barreto Pereira Pinto fundou o jornal *Belona Irada Contra os Sectários de Momo*, no Rio Grande do Sul, que teve duração de um ano e defendia os direitos da mulher. Em 1852, no Rio de Janeiro, então capital da república, surgia o *Jornal das Senhoras: modas, literatura, belas artes, teatro e crítica*, fundado pela jornalista argentina Juana Paula Manso de Noronha. Era editado aos domingos e durou três anos. A primeira mulher no Brasil a se profissionalizar¹⁵ como jornalista foi Narcisa Amália de Campos, que criou em 1884 na cidade de Resende (RJ) o jornal *O Gazetinha* - na realidade um suplemento voltado às mulheres. Já em 1896, Francisca Júlia da Silva, aos 20 anos, estreia no jornal *A Paulicéia* e também continua colaborando em diversos órgãos de imprensa: *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Diário Popular*, *São Paulo Ilustrado*, *Vida Moderna* e alguns jornais do Rio de Janeiro. (RAMOS, 2010, p 341-348).

No alvorecer do século XX, várias mulheres atuavam como colaboradoras em jornais em São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Destaque então para a primeira dama Nair de Teffé, casada com o presidente Hermes da Fonseca e que foi a primeira desenhista brasileira a fazer caricaturas em jornais e por isso escandalizou a sociedade da época, em 1914.

¹⁵ A autora considera “profissionalizar-se” o fato da jornalista conseguir viver exclusivamente do fruto do seu trabalho como jornalista, fato muito raro para a época.

Assinava-se Rian (o contrário de Nair) e despertou a fúria de alguns políticos, principalmente de Rui Barbosa, e que fazia discursos contra ela. Sem se intimidar, Nair de Teffé fez várias caricaturas de Barbosa, que o deixaram mais furioso. Ela quebrou preconceito com muita coragem. Em entrevista dada em São Paulo dois anos antes de morrer, em 1979, confessou com um sorriso irreverente: “Nas recepções eu era recebida com muita desconfiança pelos homens e com medo pelas mulheres, que se escondiam atrás de seus leques”. (RAMOS, 2010, p.349).

Dos anos 1920 em diante, a participação feminina foi ampliada com o aumento do número de jornais impressos e revistas. Nos anos 1930, a poetisa Cecília Meirelles, por exemplo, dirigiu por alguns anos uma página sobre educação no jornal Diário de Notícias do Rio de Janeiro. A partir de 1943, a revista O Cruzeiro, mais importante publicação daqueles anos e um dos carros chefe do conglomerado de Assis Chateaubriand, passou a contar com mulheres jornalistas na condição de colaboradoras. Foi o caso da escritora Rachel de Queiroz. (RAMOS, 2010).

A autora lembra ainda que sem dúvida, na história da presença feminina no mercado jornalístico de maneira profissional, as publicações da Editora Abril destacam-se, pois a empresa em meados do século XX lançou revistas que contavam com mulheres jornalistas como colaboradoras. Alguns títulos inclusive eram dirigidos por elas. É o caso das revistas Capricho (1952), Você (1956) e Manequim (1959). Havia também a possibilidade das jornalistas trabalharem nas sucursais dos principais jornais do país, como Correio da Manhã, O Globo, A Tribuna da Imprensa, O Jornal, Diário Carioca e Jornal do Brasil.

1.4 Profissão: mulher, jornalista esportiva

Segundo Coelho (2017) era quase impossível ver as mulheres no esporte até o início dos anos 1970. Algumas são encaminhadas para as editorias de esportes amadores, é mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Mas o quadro vem mudando nos últimos anos.

Se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres nas redações. Normal é que não haja preconceito. Homens e mulheres devem ter os mesmos direitos. Têm. Os mesmos níveis salariais, o que incrivelmente se verifica nas redações, ao contrário das demais profissões. Devem ter as mesmas oportunidades. O que não se pratica em boa parte das editorias do país. Menos ainda na de esportes (COELHO, 2017, p.34).

Mary Zilda Grassia Sereno, umas das primeiras jornalistas fotógrafas de São Paulo, nasceu no Rio de Janeiro no dia 4 de dezembro de 1911. Sua primeira tentativa de fotografar para um jornal foi para O Globo, no Rio de Janeiro. Ela flagrou uma freira italiana eufórica com a vitória do seu país no campeonato mundial de futebol daquele ano, 1934. O jornal publicou a foto, mas não a quis como funcionária pelo fato de ser uma mulher. Ela não desistiu e trabalharia depois nos jornais Hoje, O Dia, O Tempo, A Gazeta Esportiva, A Hora e na Época. (RAMOS, 2010).

Maria Helena Rangel, nascida em Catanduva (SP) em 1926, além de atleta de arremesso de disco, pode ser considerada a primeira jornalista esportiva do país. Já formada em Educação Física pela USP, em 1947, quando cursava jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, foi convidada para escrever na Gazeta Esportiva, fez várias viagens para cobrir campeonatos de voleibol e basquete. Seu registro profissional é de 1º de janeiro de 1948. Além do atletismo e do jornalismo, ela trabalhava no Departamento de Esportes da Prefeitura de São Paulo e dava aulas de educação física em escolas municipais, cita Ramos (2010).

Germana Garilli, conhecida como “Gegê”, além de atleta (jogou futebol de campo e adepta ao judô) atuou como jornalista esportiva no início da década de 1960. Era colunista esportiva dos seguintes jornais: “Tribuna Ituana (1962)”, “Tribuna de Franca (1968)” e “Gazeta de Santo Amaro (1972)”, também foi locutora e reconhecida oficialmente pela FPF (Federação Paulista de Futebol), como a primeira repórter feminina profissional a fazer cobertura de futebol no campo. Em entrevista

concedida ao blog Terceiro Tempo¹⁶ do jornalista Milton Neves, relata que sempre foi bem tratada pelos colegas de trabalho, dirigentes e jogadores, menos pelo goleiro Leão. Certa vez ela tinha que entrevistá-lo e ao se aproximar disse: “Leão, posso falar com você?”, o goleiro rebateu: “Lugar de mulher não é no campo!”.

Lia Habib no livro *Jornalista: profissão mulher* conta que a apresentadora Claudete Troiano começou a trabalhar ainda criança na TV, tendo passado pelas emissoras Excelsior e Bandeirantes apresentando programas infantis. Atuou como repórter nas rádios Bandeirantes, Capital e Globo. Nos anos 70, atuou como jornalista esportiva nas funções de narradora, repórter e comentarista na Rádio Mulher.¹⁷

Telé Cardim nasceu em 1944, e começou a trabalhar na televisão no começo da década de 1960. Passou pela TV Tupi, colaborou com a revista O Cruzeiro, e depois para o jornal Última Hora, de Samuel Wainer. Seu trabalho de destaque na área esportiva foi a cobertura dos Jogos Pan-Americanos de 1963 em São Paulo. Atualmente trabalha na TV Record e faz parte da diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. (RAMOS, 2010).

Se cobrir jornalismo esportivo já era sinônimo de vencer barreiras, que o diga a primeira jornalista a entrar em um vestiário para entrevistar jogadores de futebol, Regiani Ritter foi a pioneira. “Foi preciso muita cara e coragem, quem olhava pra mim, não percebia, mas meu coração palpitava, esses jogadores vão me matar, mas eu agi com naturalidade e consegui entrevistar jogadores pelados”. (PAIXÃO, 2012, p.406). Ritter começou a carreira em 1983, convidada por Pedro Luiz, ex-comentarista da Rádio Gazeta. Foi repórter, cronista e comentarista. Atualmente apresenta o programa *Disparada no Esporte*, todos os dias na Rádio Gazeta AM. Regiani cobriu a Copa do Mundo de 1994.

Denise Mirás trabalhou por 26 anos no caderno de esportes do Jornal da Tarde, entre 1980 e 2006, onde atuou como repórter especial, subeditora e editora. Foi a única repórter brasileira a cobrir todas as seis Olimpíadas entre Los Angeles

¹⁶ Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou-germana-a-gege-5689>

¹⁷ A rádio Mulher iniciou suas transmissões em 1970 com programas voltados para o público feminino. Aos finais de semana, a grade da programação era voltada principalmente para o futebol. A rádio encerrou suas atividades em 1976.

1984 e Atenas 2004. Suas reportagens, sempre procurou valorizar os personagens das mais diversas modalidades como vôlei, natação e ginástica. (UNZELTE, 2009).

Coelho (2017) lembra que Isabel Tanese permaneceu quase três anos no cargo de editora-chefe do caderno de esportes do jornal O Estado de S. Paulo (1998-2001) e Sônia Francine, a Soninha, que trabalhou como apresentadora e comentarista da ESPN Brasil entre 1999 e 2004.

Nos velhos tempos, o veterano Oldemário Touguinhó, repórter do Jornal do Brasil que faleceu em 2003, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar seus relatos. (COELHO, 2017, p.35).

Quando o assunto é telejornalismo, uma das primeiras mulheres repórteres e apresentadora no segmento foi Mônica Leitão¹⁸ na TV Globo. Em 1980, foi enviada a Moscou para participar da cobertura dos Jogos Olímpicos e também participou da cobertura do Pré-Olímpico de Basquete em Porto Rico. Atualmente é produtora do Esporte Espetacular.

Glenda Kozlowski em entrevista para Habib (2005) que sempre gostou e praticou esportes, como judô, basquete além de ter sido tetracampeã de *bodyboarding* em 87, 89, 90 e 91. Queria ser atriz, mas um amigo a incentivou em cursar jornalismo, começou no *SporTV* entre 92 e 95, em 96 apresentou o Esporte Espetacular, entre 1997 e 2001 fazia reportagens, já em 2003 apresentava o Globo Esporte só para São Paulo.

Há dez anos era muito complicado, todos os repórteres de rádio e televisão entravam no vestiário. Eu tinha que entrar. Entrei várias vezes sozinha. A única mulher no meio de centenas de homens para falar de futebol. Já passei por muito constrangimento, jogadores completamente nus desfilando, e de propósito (HABIB, 2005, p.96).

Segundo o Memória Globo¹⁹, Glenda cobriu as Copas do Mundo de 2006 e 2010, além dos Jogos Olímpicos de Pequim 2008. Em novembro de 2013 o Esporte Espetacular ganhou o quadro “Bolsa Redonda” onde mulheres discutiram sobre futebol, a equipe era Fernanda Gentil, a atriz Christine Fernandes, a escritora Thalita Rebouças e a Glenda Kozlowski. Nos Jogos Olímpicos Rio 2016, Glenda foi

¹⁸ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/monika-leitao.htm>

¹⁹ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/glenda-kozlowski.htm>

escalada a equipe de locutores esportivos, sendo a primeira mulher a ocupar essa função na Globo.

Nos dias de hoje algumas jornalistas têm destaque perante as câmeras: Renata Fan²⁰ começou em 2003 na TV Record apresentando o programa *Terceiro Tempo* com Milton Neves, nas noites de domingo e o programa *Debate Bola*, diariamente ao meio-dia. Atualmente apresenta o programa *Jogo Aberto* na TV Bandeirantes. Já Fernanda Gentil²¹ foi estagiária em uma assessoria de imprensa de esportes radicais, depois foi repórter e apresentadora na TV Esporte Interativo. Após passar pela Band e SporTV apresenta desde o dia 4 de setembro de 2016, O Esporte Espetacular na TV Globo, ao lado de Flávio Canto. Após ficar na TV Globo por 18 anos, Mylena Ciribelli²² foi para a TV Record onde apresenta desde 2009 o Esporte Fantástico todos os sábados pela manhã.

Isso sem falar de outras inúmeras profissionais que trabalham nos bastidores nas funções como produtoras, editoras, chefes de reportagem etc.

²⁰ Disponível em: http://www.renatafan.com.br/biografia/biografia_index.htm

²¹ Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/fernanda-gentil>

²² Disponível em: <http://esportes.r7.com/blogs/mylena-ciribelli/>

1.5 Reportagem de rádio

Segundo SEPAC (2003), as características que instituem uma regra geral para a linguagem do rádio são: agilidade, clareza e instantaneidade. Com isso a reportagem tornou-se a base do radiojornalismo. Um repórter tem a função de coletar, elaborar e transmitir informações, além de isenção, para desenvolver uma boa reportagem.

De todos os gêneros radiofônicos, o informativo ocupa posição de destaque. As características do rádio como meio de comunicação de massa fazem com que ele seja especialmente adequado para a transmissão da informação, ele tem condições de transmitir a informação com maior rapidez do que qualquer outro meio. O rádio foi o primeiro dos meios de comunicação de massa que deu ineditismo à notícia, graças à possibilidade de divulgar os fatos no exato momento em que eles ocorrem. (SEPAC, 2003).

O Instituto Marplan realizou uma pesquisa em 2004, na qual 90% da população brasileira, entre homens e mulheres de todas as idades, ouve rádio cerca de três horas por dia. Isso acontece, em grande parte, porque o rádio é portátil podendo ser levado para qualquer lugar, a qualquer hora. (CÉSAR, 2005).

Segundo pesquisa realizada entre os meses de janeiro à novembro de 2016, entre 7h e 19h pela *Kantar IBOPE Media*²³, o rádio, alcança 89% das pessoas nas principais regiões metropolitanas, o equivalente a 52 milhões de indivíduos. Sua volatilidade permite que o ouvinte o carregue para onde for e o escute a qualquer momento, tanto que passam, em média, 4h36 sintonizados diariamente, o que representa cerca de 20% do seu dia.

²³ Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/o-ouvinte-de-radio-nunca-visto-antes/>

1.6 Newsmaking

A teoria do *Newmaking* avalia critérios tais como: elaborar os fatos, saber o que pode ser notícia ou não, grau de noticiabilidade e elaboração de notícias de forma concisa.

Uma vez que o profissional é o emissor da notícia, ele pode ser considerado como intermediário entre o fato ocorrido e sua narratividade. Tendo definido a noticiabilidade como um conjunto de critérios por meio dos quais o conjunto de informações controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que serão utilizados para a seleção de notícias. (WOLF, 2008).

Segundo Wolf (2008) é importante no jornalismo cultivar e manter um bom relacionamento com as fontes, elas podem muitas vezes dar exclusividade a um determinado repórter por ter uma confiança nas informações passadas. O autor também aborda os quatro fatores mais importantes na relação jornalistas e fontes: que são o incentivo, o poder das fontes, sua capacidade de fornecer informações com credibilidades e a proximidade social e geográfica em relação aos profissionais da notícia. Na sua opinião o mais relevante é o quarto, os outros são apenas complementos.

2 DESENVOLVIMENTO

Para desenvolver o presente projeto, apoiado em técnicas de pesquisas bibliográficas e entrevista aberta estruturada, ouvimos 12 entrevistados durante os oito meses de produção deste projeto. O resultado é uma série de três reportagens, cuja duração total é de 12 minutos.

Ao todo, foram contactadas 20 possíveis fontes, entre jornalistas homens e mulheres de diferentes mídias, antropóloga, além de uma autora de livro sobre a atuação das mulheres no jornalismo. Alguns deles preferiram não gravar entrevista ou não responderam às nossas solicitações. Foram o caso de Glenda Koslowski, Cris Dias e Fernanda Gentil (TV Globo); Mylena Ciribelli (Record TV); Marília Ruiz (Rádio Estadão); além dos presidentes da Associação dos Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro (ACERJ) e da Associação dos Cronistas do Estado de São Paulo (ACEESP). O presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo (SJSP) foi ouvido, mas devido à má qualidade do material, a sonora não foi aproveitada.

A estrutura do roteiro foi pensada da seguinte forma: uma introdução histórica, contextualizando os primórdios da atuação do gênero feminino no jornalismo esportivo, a partir daí o fio condutor do roteiro foi a passagem do tempo década a década, como pano de fundo para apresentação das personagens e suas histórias no contexto do segmento.

A fim de dar conta dos objetivos do projeto e favorecer a compreensão do público ouvinte, cada episódio foi assim dividido: o primeiro “*Desbravando Caminhos: as Pioneiras no Jornalismo Esportivo*” há depoimentos da escritora Regina Helena de Paiva Ramos; Ana Cláudia Fernandes Gomes, antropóloga da USP; a jornalista e atleta Telé Cardim; o comentarista e apresentador Milton Neves e a jornalista Regiani Ritter. Este episódio abarca o período temporal das décadas de 1930 a 1980 do século XX. A duração é de 05’34.

No segundo episódio “*Conquistando Espaços no Jornalismo Esportivo*” temos depoimentos da jornalista Silvia Vinhas; a antropóloga Ana Cláudia Fernandes Gomes; a ex-apresentadora Débora Meneses e a jornalista, comentarista e

vereadora Soninha Francine, além da jornalista Michelle Giannella. O período abarcado é dos anos 90 até o final de 2000. Duração do episódio: 03'34.

O terceiro e último episódio é "*Jornalistas Esportivas Hoje: Conquistas e Desafios*" reflete o início de 2010 até os dias atuais e tenta apontar caminhos em torno do futuro e dos desafios a serem superados pelas jornalistas. São ouvidas a repórter Camila Mattoso, a jornalista Roberta Cardoso e a professora, jornalista e editora de TV Deise Oliveira (ex-Fox Sports). Este episódio tem 02'52 de duração.

Ao todo foram gravadas duas horas de material bruto até o mês de setembro. A partir daí foram feitas decupagens e elaborado o roteiro de edição, fase que levou um mês.

A edição e pós-produção da série de reportagens duraram três dias nos laboratórios de rádio da UNISA.

A série de reportagens tanto poderá ser veiculada em emissora de rádio *all news* em comemoração ao dia internacional da mulher, por exemplo, e se reeditada, transformar-se em uma série especial para ser exibida semanalmente no mesmo veículo (CBN, BandNewsFM).

De acordo com a tabela do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, uma pauta com mais de três contatos custa R\$ 409,24, ou seja, o valor com 12 fontes sairia no valor de R\$1.639,96. Já o Sindicato dos Radialistas do Estado de São Paulo informou que não há tabela com os cargos de locutor e editor.

4 CONCLUSÃO

A participação feminina no jornalismo esportivo aconteceu de forma um pouco lenta em meados dos anos 1930 até final da década de 1980 – momento em que era possível elencar raros exemplos de mulheres atuando no jornalismo esportivo nas mídias tradicionais – Rádio, TV, Jornal e Revista.

A partir de meados dos anos 1990, parece haver uma mudança no mercado de trabalho até então dominado por homens, parte dessa mudança se deve ao fato de mais mulheres ingressarem nas universidades e se formarem em jornalismo, pleiteando mais vagas e estando mais preparadas para ocuparem redações. Essa tendência vai se intensificar no decorrer dos anos e novos espaços serão abertos também com o advento e desenvolvimento da Internet nos anos 2000 e das novas possibilidades de atuação, como portais de notícias e sites especializados.

Com mais mulheres repórteres, editoras, produtoras, uma consequência negativa é o aumento de assédio e preconceito, por parte de jogadores, técnicos, dirigentes e torcedores. Mas diferente do passado em que o gênero feminino se envergonhava diante de situações semelhantes, a jornalista esportiva dos novos tempos parece não se acuar diante destas dificuldades.

Há ainda inúmeros desafios a serem ultrapassados: aumento das oportunidades em cargos de chefia, paridade salarial com jornalistas homens, conciliar atividades profissionais com a função materna e familiar. Mas consideramos que tais questões não se restringem ao universo do jornalismo esportivo, mas extensível a todos os setores laborais da sociedade.

Espera-se com esta pesquisa contribuir com futuros estudos envolvendo mídia, esporte e gênero.

REFERÊNCIAS

- ACERJ. **As Mulheres do Jornalismo Esportivo na Acerj**. Rio de Janeiro: ACERJ, 2015. Disponível em: <<http://www.acerj.com.br/as-mulheres-do-jornalismo-esportivo-na-acerj/>>. Acesso em 20 abr. 2017.
- BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual de Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____; LIMA, P.R. **Manual de Radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- CARNEIRO, L. **Ivan Zimermann lamenta fim da rádio Bradesco: "deixou muita gente triste"**. São Paulo: UOL Esporte Futebol, 2017 - Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/03/15/ivan-zimermann-lamenta-fim-da-radio-bradesco-deixou-muita-gente-triste.htm>>. Acesso em 23 abr. 2017.
- CÉSAR, C. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.
- CHANTLER, P; STEWART, P. **Fundamentos do Radiojornalismo**. São Paulo: Roca, 2007.
- CIRIBELLI, M. São Paulo: R7. s/d. – Blog - Disponível em: <<http://esportes.r7.com/blogs/mylena-ciribelli/>>. Acesso em: 01 jun. 2017.
- COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2017.
- CORAZZA, H. **Comunicação e Relações de Gênero em Práticas Radiofônicas**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CORTÊZ, N. **Fernanda Gentil**. São Paulo: TPM, 2014 - Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/fernanda-gentil>>. Acesso em: 01 jun. 2017.
- ESPORTE INTERATIVO - Disponível em: <<http://www.esporteinterativo.com.br/about>>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- FENAJ – Disponível em: < <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/pesquisa-perfil-jornalista-brasileiro.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- FUNDAÇÃO CÁSPER LÍBERO – Disponível em: < <http://fcl.com.br/gazeta-esportiva/>>. Acesso em: 25 abr. 2017.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.
- HABIB, L. **Jornalista: Profissão Mulher**. São Paulo: Sapienza, 2005.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1930#resultado>>. Acesso em: 23 maio 2017.

_____. - Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/261#resultado>>. Acesso em: 23 maio 2017.

_____. - Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5429#resultado>>. Acesso em: 23 maio 2017.

JÚNIOR, M. **Revista Placar**. São Paulo: Terceiro Tempo, s/d. - Disponível em: <terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/revista-placar-5809>. Acesso em: 23 abr. 2017.

KANTAR IBOPE MEDIA – Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/ouvinte-de-radio-nunca-visto-antes/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

KOMETAN, P. Mulheres ganham menos do que os homens em todos os cargos, diz pesquisa. G1, 2017 - Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-do-que-os-homens-em-todos-os-cargos-diz-pesquisa.ghtml>>.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E.M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, G. de A. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2008.

MEMÓRIA GLOBO – Glenda Kozlowski - Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/glenda-kozlowski.htm>>. Acesso em: 23 maio 2017.

_____. – Esporte Espetacular - Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/esporte-espetacular.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

_____. – Globo Esporte - Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>>. Acesso em: 23 maio 2017.

_____. - Monika Leitão - Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/monika-leitao.htm>>. Acesso em: 23 maio 2017.

NASSIF, T. – **Germana, a Gegê**. São Paulo: Terceiro Tempo. s/d. - Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/germana-a-gege-5689>>. Acesso em: 31 maio 2017.

O GLOBO MEMÓRIA – Nélon Rodrigues - Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/esportes/neacutelson-rodrigues-9075809>>. Acesso em 23 maio 2017.

- PAIXÃO, P (org.). **Mestres da Reportagem**. São Paulo: In House, 2012.
- PERROT, M. **Os Excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RAMOS, R. H. de P. **Mulheres Jornalistas – A grande Invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Faculdade Cásper Líbero, 2010.
- REDAÇÃO. **“Fox Sports” estreia no Brasil com Libertadores**. São Paulo: Veja.com, 2012 - Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/fox-sports-estreia-no-brasil-com-libertadores/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.
- RENATA FAN – Biografia - Disponível em: <http://www.renatafan.com.br/biografia/biografia_index.htm>. Acesso em: 01 jun. 2017.
- RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2011.
- SACCHITIELLO, B. **Bradesco Esportes entra em campo** – São Paulo: Meio & Mensagem, 2012 - Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2012/05/18/radio-bradesco-esportes-entra-em-campo.html>>. Acesso em: 23 abr. 2017.
- SEPAC. **Rádio**: a arte de falar e ouvir. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SOARES, E. **A Bola no Ar**: O Rádio Esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.
- STYCER, M. **História do Lance!** Projeto e Prática do Jornalismo Esportivo. São Paulo: Alameda, 2009.
- UNZELTE, C. **Jornalismo Esportivo**: Relatos de uma paixão. São Paulo: Saraiva, 2009.
- VERGARA, S.C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1998.
- WOLF, M. **Teoria das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ANEXOS

ANEXO A - Artigo